



Data do testemunho: Janeiro de 2014

Nome: Palmira

Idade: 89 anos

Naturalidade: Melides

Era o Ti' Marques que na altura tinha a taberna que era tio do meu marido José Pereira, mais conhecido pelo Ti Zé Pereira que já falecera. O meu Zé é que tomava conta da taberna, eu nesse tempo pouco vagar tinha de por lá os pés, andava a trabalhar onde tivesse que ser, na monda... E quando tinha um tempinho ou o meu marido me pedia, dava uma limpezazinha na taberna, lavava melhor os copinhos e fazia uns petiscos ou em casa, quando era o caso fazia uma panelada de comer para grupos grandes que lá apareciam e pediam para os fazer.

A taberna estava sempre cheia na maioria por homens, era muito frequente depois da labuta irem à taberna beber um copinho de vinho acompanhado por um pratinho de azeitonas, bocadinhos de bacalhau, peixe frito.

Na altura a taberna com o nome de Mercantil antes de ser moagem, era apenas rés-do-chão, ainda como hoje, a sua entrada principal era virada para a rua nova, ao lado da porta tinha duas janelas uma de cada lado, ao entrar tinha umas mesinhas um balcão de frente com a porta, atrás do balcão era a cozinha e um quartinho, a cozinha era virada para a rua onde é atualmente a escola da Adélia Botelho com uma porta para essa rua, o quartinho tinha uma janela que dava para a rua da Junta de Freguesia de Melides e, nas traseiras da casa, era um espaço grande que tal como nos dias de hoje tinha uma porta exterior para a rua da estrada nacional, esse espaço amplo era o espaço que era utilizado para bailaricos na altura.

Nessa altura ainda não existia a estrada nacional e a feira anual de Melides fazia-se ali no largo frente à moagem, ia até à Rua Nova junto à igreja, as pessoas que compravam peças de vestuário muitas das vezes pediam – nos para ir ao quartinho da taberna para os experimentar. Era assim naquela altura.



Data do testemunho: Janeiro de 2014

Nome: António Rosário

Idade: 82 anos

Naturalidade: Melides

Conheci aquele edifício (A MOAGEM) pelo Mercantil, não tendo conhecimento porque é que nasceu assim por estes modos, pois era um nome que havia aí por outros lados. A casa dividia-se em três partes, a parte da frente era a taberna, no meio a cozinha e um quartinho, ao fundo da casa era um salão grande onde se faziam bailes ao fim-de-semana, enchendo-se a casa de gente.

Aqui os domingos eram de muito movimento, a maioria dos homens juntavam-se ao balcão para passar o dia ou os serões entretidos a pagarem rodadas uns aos outros à volta dos belos petiscos que serviam para acompanhar o copinho de vinho, assim como o tremoço, uns bocadinhos de bacalhau, miudezas que já havia neste tempo. Eu neste tempo ainda era bem moço só comia rebuçados enquanto os mais velhos bebiam um copinho de vinho, mas lembro-me bem destes tempos. Por lá ainda passaram uns quantos taberneiros com as suas mulheres, o Ti' Zé Espanhol, o Ti Zé pereira, o Ti' Eduardo canhão, por último o Zé Rito. Entretanto passou para moagem, descasque de arroz, moagem de farinhas... e hoje em dia é o que se vê!

Devem fazer com que este edifício de alguma maneira traga benefícios para a terra.



Nome: Augusto Caetano

Idade: 82 anos

Data de Nascimento: 1931

Naturalidade: Melides

Nome: Maria de Jesus

Idade: 77 anos

Data de Nascimento: 1936

Naturalidade: Melides

Foi aqui que nasci e que passei toda a minha mocidade. No meu tempo havia mais divertimentos do que há agora porque os tempos eram outros, não havia transportes para fora e as pessoas eram obrigadas a conviver dentro da zona onde nascia. Era impossível um pobre deslocar-se para onde quer que seja, mesmo que tivesse dinheiro, não havia transportes nem caminhos capazes, para a ir a Grândola à sede do concelho, tinha que se ir por caminhos vicinais, caminhos estreitos pela serra, atravessando barrancos, chuva, levávamos nesse tempo umas três horas a chegar. As pessoas não tinham como se entreter, tínhamos um clubezinho de futebol, jogávamos descalços...

O mercantil já existia quando eu nasci, conheci a taberna com vários taberneiros. Frequentei sempre a taberna era onde se ia lá quase todos os dias, ia lá comprar uns bolinhos que de vez em quando lá tinham que mandavam vir de fora, bebia um copinho de vinho acompanhado dos seus petiscos, orelha de porco assada, torresmos...

A feira, era a mesma feira que há agora, mas era feita aqui dentro da povoação, realizava-se mesmo ao lado da taberna e no largo da igreja que ia até à rua Nova e à rua de Santo António, na ladeira que vai até à farmácia era onde ficavam as barracas dos sapateiros, barracas muito altas onde colocavam as botas e os sapatos para as pessoas os comprarem.

A minha casa era mesmo no meio da feira onde é agora o café Central, o meu pai era sapateiro e eu mais os meus irmãos eramos ajudantes, na feira havia os tendeiros que ficavam na lateral da parede da igreja que da para o central e para a moagem do lado oposto as barracas dos comes e bebes, onde serviam o copo de vinho e pataniscas, na feira também podíamos encontrar os manteiros que vinham do ribatejo com as mantas de Minde, era muito costume as mulheres da freguesia de chalinho às costas, lenço na cabeça e de tamancos (socas) virem à aldeia vender bolos que confeccionavam em casa, traziam-nos em cesta de duas asas, dentro dos cestos vinham os bolos muito bem enrolados e tapados com panos muito branquinhos colocavam a canastra (cesta) no chão para as pessoa poderem escolher entre esquecidos, amores e pinhoadas com a flor da laranjeira eram os bolos típicos da nossa freguesia que ainda nos dias de hoje são muito procurados. Havia também quem vende-se laranjas em cestos grandes de verga, assim mais afastadas. Na altura também havia barracas de mulheres da vida (rua que desce para a farmácia)...

E das melhores momentos que me lembre da feira ainda em gaiata era quando aparecia o Ti Chelica... Ele vinha à feira, era maneta, ao ombro trazia uma lata cheia de matações (rebuçados) juntamente com uma roleta, e mal os gaiatos o viam juntavam-se e gritavam vamos aos matações! Então dávamos 5 tostões jogávamos à roleta para ver se nos saiu muitos matações, era assim naquele tempo...

Data do testemunho: Janeiro de 2014

Nome: Augusto Salgado

Idade: 69 Anos

Naturalidade: Melides

Sei que foi uma taberna que começou por volta dos anos 30 e deixou de ser taberna para ser contruído o edifício da moagem aí por volta dos anos 54, cheguei a morar na taberna, o edifício era rés-do-chão, tinha 8 anos, a parte de entrada onde era mesmo uma taberna tinha um balcão, no meio do edifício era uma cozinha e dois quartos onde dormia eu e o meu irmão num e o meu pai e a minha mãe no outro, na parte de trás era onde estavam umas pipas grandes de vinho, ao lado onde ainda hoje existe uma porta exterior voltada para a estrada nacional, era mais uma sala de retiro onde alguns amigos se juntavam mais à vontade para conviverem, comerem uns petiscos, jogarem às cartas... O meu pai foi o último taberneiro antes de passar ao edifício da moagem, que me lembre a taberna desde sempre teve o nome de Mercantil e mesmo após a moagem ser contruída, as pessoas continuavam com o hábito de em vez de dizerem que iam à moagem diziam mercantil, foi um nome que foi enraizado.

O largo em frente à moagem era a praça velha, não tinha nada, era barro, nem calçada tinha! Não havia estrada e para ir para Grândola tinha de se ir pelas Sobreiras Altas.

A feira fazia-se nesse largo ate à rua Nova e ate à farmácia

A moagem era da minha família, dum tio meu, foi contruída uma sociedade que foi constituída em 56. Inicialmente foi construída apenas como moagem de cereais; trigo; milho; centeio, mas como o espaço era enorme, foi-se buscar uma mó de descasque do arroz que era do Nogal que arrendávamos, não tinha motor, era movido a água, entretanto como havia espaço aqui mudou-se o resto das máquinas do moinho de cima, mais tarde contactámos uma fábrica das Ermidas, de descasque de arroz que era a sociedade industrial Alentejo e Sal estando a inovar e a desfazerem-se das máquinas velhas que passaram para a nossa moagem.

A nossa moagem começou a crescer em termos de produção de descasque de arroz, o conhecido casão do partido comunista foi construído inicialmente pelos proprietários da moagem como depósito de arroz ainda com casca, sendo o armazém, onde é a atual escola de Música da Adélia Botelho era também um armazém de trigo.

Existiam trocas de farinhas, havendo 2 farinhas papão, as de mistura de trigo com centeio ou de milho tinha uma percentagem para ser misturada, esta era a que se vendia e a pura de trigo era a única que se podia fazer a troca só com produtores de trigo.



Data do testemunho: Janeiro de 2014

Nome: Maria Rosária

Idade: 88 Anos

Naturalidade: Melides

Lembro-me! Era a mercantil, era taberna e mercearia, nessa altura tinha 6 anos.

O meu pai António Gonçalves e a minha mãe Balbina Rosária eram os taberneiros. O meu pai estava mais ao balcão, era quem trazia peixe de Sines para a aldeia e para a taberna, a minha mãe ajudava na taberna, cozia pão no forno na casa que estava ao lado da moagem, pegada com a igreja, que na altura era onde se fazia as funções (bailes populares), atualmente, é uma casa de negócios. Ela trazia o pão acabadinho de cozer para a taberna, para o vender. Nessa altura recordo-me que antes dos meus pais estarem na taberna, os antigos donos tinham sido o Sr. José Pinheiro do Cravo e a sua mulher Florinda, não sei se antes teve outros donos. A taberna por dentro tinha quatro casas; na entrada principal a taberna com balcão e alguma mercearia e o pão para vender; atrás do balcão, ao meio um corredor; do lado direito para a estrada nacional um quartinho pequeno com janela, ao lado a cozinha que tinha uma porta exterior virada para o lado da atual escola da Adélia Botelho, a cozinha também tinha outra porta interior que dava para a sala grande que na altura era, sala de convívio para o ajuntamento de grandes bailaricos.



Janeiro de 2014

Nome: Floriano Matias

Data de nascimento: 10 De Agosto de 1924

Idade: 89 Anos

Naturalidade: Melides

Recordo-me muito bem da taberna! Era a Mercantil. A vida da taberna era quando saíamos do trabalho e ao domingo, quando dois ou três amigos nos juntávamos e bebíamos um copinho de vinho, que era a bebida que tínhamos na altura, acompanhado por um petisco, que era normalmente um carapau frito. Estávamos lá entretidos a jogar às cartas ou ao paulito, por vezes cantarolando, uns o fado e os outros ao despique. Era assim a vida nas tabernas de antigamente. Mesmo em miúdo ia lá muitas vezes, já se sabe que os miúdos gostavam sempre de andar lá a espreitar, e também conhecia a casa muito bem, e era bem frequente ao sábado, quando recebíamos a “féria” (ordenado semanal) e nos juntávamos ali na taberna, pedíamos um jantarinho acompanhado por um jarro de vinho tinto e íamos nos animando uns aos outros e quando começava nas rodadas e sem dar conta já saíamos de lá com um copinho a mais, e lá sai um fado ou uma cantadela, naquele tempo não era tanto os poemas era mais as quadras que se chamavam quadras de trinta e seis pontos. Nesse tempo ainda a feira de Melides se fazia nesse largo em frente á taberna, vinham as algarvias vender figos, alcofas, capachos de palma e golpelha que serviam para por nos carros de besta, os da Covilhã de Minde, vender mantas. Também haviam os ourives mas para nós era escasso o ouro, pois éramos pessoas simples e muito poucos ou quase nenhuns o podiam comprar. Barracas dos tendeiros com os brinquedos, não se via era pronto-a-vestir, havia uma barraquinha de umas raparigas com umas espingardinhas de ar para atirar ao barro para ver quem atirava melhor. Existia também a barraca que era do Tio Feliciano Simões e da Ti Antónia Correia que sempre fazia tradição vendendo os seus copos de vinho e a posta de bacalhau (Pataniscas). Na altura da feira, a Mercantil e todas as outras tabernas estavam abertas a fazer o seu negócio, não esquecendo também os sapateiros algarvios que faziam as solas dos sapatos com casca de eucalipto, que era de pouca dura, bastava apanhar um bocadinho de água que a sola inchava e largavam-nas logo. Lembro-me também do jogo das gaitinhas que era proibido, a guarda não deixava jogar. Era um caneco com um dado e o ti Chelica que aparecia com uma lata ao ombro cheia de matações (rebuçados caseiros) e apregoava: olha os matações custa 5 tostões, são pães, são pães. Mais tarde, a Mercantil foi transformada em fábrica de descasque de arroz e farinhas,

pois o professor Zé Carlos que já tinha um alvará e um moinho de água onde funcionavam o descasque de arroz e farinhas, modificou e modernizou a casa.